

A TORRE

Centenária, a torre da antiga matriz, hoje catedral católica de Franca, é um ícone da cidade. Vista a distância, identifica-se na imagem de sua arquitetura a história e o centro de uma cidade que se espalha por quilômetros, ocupando o topo da colina central que deu origem à cidade no início do século XIX. Não é uma torre como da “Giralda”, que enfeita e ilumina Granada na Espanha, orgulhosa de sua longa história entre dois mundos, o cristão-europeu e o árabe, mas tem sua importância também (a Giralda é um antigo minarete que foi convertido em campanário para a Catedral de Sevilha, considerada desde 1987 um Patrimônio Mundial pela UNESCO).

A catedral de Franca foi projetada em minuciosos desenhos feitos a lápis pelo engenheiro-arquiteto Carlos Zamboni (preservados com zelo pela neta e também arquiteta Telma Zamboni), o responsável pela reforma iniciada no templo em 1937 e que o deixou com essa imagem que conhecemos, infelizmente bastante adulterada pela falta de noção preservacionista e desconhecimento cultural de seus responsáveis como verdadeiro cartão postal da “capital do calçado” no nordeste do Tucanistão.

A torre abriga uma sineira desde tempos imemoriais. Nestes tempos de cólera contra tudo, de irritação permanente, até o som secular de um sino vira objeto de reclamações de crentes de outras religiões ou de quem não consegue dormir por causa do barulho cada vez maior das grandes cidades, onde se misturam ruídos de motores a explosão de automóveis com escapamentos gaseados a prestação (valeu, Tomzé), bebedeiras, garrafadas, brigas, berros noturnos e som automotivo com sertanejos esgoelando a mil decibéis. O som ritmado do sino, que antigamente ditava o ritmo da cidade pequena, hoje é um anacronismo ante a tecnologia digital dos celulares. Tudo isso para narrar uma pequena aventura. Subi ao campanário uma única vez, em 1980, quando fazia a pesquisa para o meu livro “Franca, itinerário urbano”. Queria tirar fotos da praça da matriz do alto, era metido a fotógrafo p&b com minha Ricoh comprada a prestação. Na época, eu e Atalie revelávamos nossas próprias fotos, tínhamos um pequeno laboratório em casa. Pedi autorização ao padre de plantão e fui subindo. No primeiro lance, chega-se ao coro, até aí tudo bem. Dali em diante, a escada é estreita, com degraus altos e sem corrimão. Fui subindo agarrado à parede até o campanário, morrendo de medo.

Lá, uma espessa laje de concreto armado lembra o mar dos buracos do desenho animado “Yellow submarine” dos Beatles. A laje possui grandes buracos circulares para melhorar a acústica, o que torna o caminhar um risco, pois um passo em falso e a queda fatal é certa. Caminhei lentamente pela laje entremeando os sinos gigantescos até a parede frontal da igreja e pus o corpo para fora num dos vãos da torre para tirar as fotos, qual fez Rapunzel para jogar suas tranças (na época ainda tinha cabelos). Não tive coragem para subir o restante da escadaria até o relógio, pois a estreita escadinha de concreto era um convite ao desastre. Desci com o c# na mão de medo, mas cheguei são e salvo ao solo com o rolo de filmes intacto. Quando revelei, milagre, as fotos ficaram boas e foram para o livro, prova viva daquela aventura única.

Mauro Ferreira é arquiteto